

Devota de Ulysses sem papas na língua

Dinâmica também se considera a senadora Emília Fernandes, do PTB gaúcho, que conseguiu 1 milhão 164 mil 989 votos depois de três mandatos como simples vereadora em Santana do Livramento, fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Professora, 45 anos, morena, a primeira mulher a candidatar-se ao Senado em seu estado pretende "desenterrar" a Lei de Diretrizes e Bases, que tramita no Congresso há cinco anos e engasgou no Senado há dois.

Já a deputada Maria Elvira, do PMDB de Minas e "devota de Ulysses Guimarães", como ela mesma se intitula, acha que o prioritário no País é a reforma tributária, pois "o Estado está falido e sem grana é bobagem pensar no resto". Falante, vivaz, apreciadora do brilho das bijuterias, Maria Elvira não tem papas na língua. Seu casamento é "consensual", o Congresso, "machista", mas ela "não tem medo nem de homem grande nem de cara feia", e pretende articular as 32 deputadas de todos os partidos no que deve ser a marca de seu mandato: a luta pelos direitos femininos. Empresária nos ramos de educação, agropecuária e turismo, relações públicas e jornalista, Maria Elvira foi a terceira deputada mais votada no PMDB mineiro, depois de dois mandatos na Assembléia. E diz que sentiu na carne a discriminação: sempre teve de contentar-se com a vice-liderança do partido, embora se sentisse apta para o cargo principal. Na articulação das mulheres, ela já almoçou com a senadora Benedita da Silva



Maria Elvira: "Mulher não consegue passar de vice-líder"

(PT/RJ), sua ex-companheira de Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, e gosta de lembrar que, nessa época, também participava do conselho nada mais nada menos do que d. Ruth Cardoso. "A questão da mulher é suprapartidária", assegura esta feminista que se recusa a dizer a idade — "esse é meu lado feminino".

Bem longe dos gabinetes do poder estará a senadora do PT Marina Silva, que veio do Acre como a mais votada. Mais votada ela também foi como vereadora em 88 e deputada estadual em 90, depois de um trabalho que começou nas Comunidades Eclesiais de Base e acabou na aproximação com Chico Mendes, o líder seringueiro assassinado. Ela mesma é filha de seringueiros, e pretende rediscutir no Senado o modelo de desenvolvimento da Amazônia, que considera "totalmente equivocado". Marina acha que o centro-sul tem de enfrentar a questão amazônica porque é res-

ponsável por uma política de ocupação de terras que devastou o ambiente e não gerou crescimento econômico para a região.

O padre — Mais ligado à igreja do que a senadora é o deputado Padre Roque, do PT do Paraná, que pretende continuar exercendo o sacerdócio enquanto lhe permitirem. "A hierarquia desaconselha, mas até agora não houve qualquer restrição", explica ele, que se considera o primeiro padre progressista a ocupar uma cadeira na Câmara. Careca e fumante, Padre Roque fez constar o título em seu nome parlamentar, mas não pretende articular a bancada católica nem ser o deputado de uma confissão religiosa. Autodenominado "deputado orgânico do PT", ele quer que o partido supere as tendências internas e participe da reforma constitucional para "manter as conquistas sociais". Sua área prioritária de atuação será a educação e as questões agrária e agrícola. (C.A)